

JOSÉ ROBERTO WALKER

Neve na manhã de São Paulo



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2017 by José Roberto Walker

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Capa

André Kavakama

Foto de capa

Guilherme Gaensly/ Acervo Instituto Moreira Salles

Preparação

Ciça Caropreso

Checagem

Érico Melo

Revisão

Huendel Viana

Adriana Bairrada

Os personagens e as situações desta obra são reais apenas no universo da ficção; não se referem a pessoas e fatos concretos, e não emitem opinião sobre eles.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Walker, José Roberto

Neve na manhã de São Paulo / José Roberto Walker. — 1ª ed.
— São Paulo : Companhia das Letras, 2017.

ISBN 978-85-359-2914-0

1. Romance 2. Romance brasileiro I. Título.

17-03197

CDD-869.3

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances : Literatura brasileira 869.3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ S.A.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone: (11) 3707-3500

www.companhiadasletras.com.br

www.blogdacompanhia.com.br

facebook.com/companhiadasletras

instagram.com/companhiadasletras

twitter.com/ciadasletras

Sumário

PARTE I — A CIDADE

1. Vinte e três de outubro de 1954, 9
2. Oswaldinho, 20
3. A nossa roda, 29
4. A velha cidade, 38
5. Kamiá, 44
6. A bailarina, 57
7. A garçonnière, 80

PARTE II — MARIA DE LOURDES, DAISY OU MISS CYCLONE

8. Ela, 91
9. *A yankee girl*, 97
10. Os doutores, 109
11. Os operários, 115
12. Greve!, 132
13. Encontros, 153
14. Nossa miss, 165

15. O perfeito cozinheiro das almas deste mundo, 173
16. O frio de maio, 182
17. As diversas formas do amor e os ciúmes correspondentes, 193
18. A cidade branca, 203

PARTE III — CENAS DE AMOR E DE GUERRA

19. O desastre, 217
20. O amor não conhece barreiras, 239
21. Três cartas, 252
22. A guerra chega até nós, 257
23. A peste, 279
24. O terror, 297
25. Carnaval, 319
26. As incertezas do amor, 332
27. Venha já!, 339
28. Quinto ato, 348
29. *Acta est fabula*, 359

Sobre este livro, 366

PARTE I
A CIDADE

1. Vinte e três de outubro de 1954

Eu me lembro.

Eu me lembro de tudo. Vivo num mundo de lembranças. Desde aquele tempo remoto, quando éramos jovens e eu sonhava com um futuro de glórias literárias, jamais deixei de me lembrar deles. Dela mais do que dele. Oswaldo e eu vivemos próximos desde que tínhamos dez anos de idade e a vida toda mantivemos contato, mesmo quando distantes. Mas ela... acho que não houve um só dia, desde que a vi pela primeira vez, em que deixei de pensar nela. No tempo em que a conhecemos, eu ainda morava com os meus pais e, mais ou menos resignado, ganhava meu sustento num escritório de advogado, enquanto preparava minha primeira obra, que, eu tinha certeza, causaria enorme impressão assim que fosse publicada. Essa era a opinião de Oswaldo também. Nosso grupo de rapazes, permanentemente embriagados pelo futuro, mal cabia nos limites que a cidade nos impunha. Naqueles dias em que “sorriamos para a vida”, como ele dizia, todos seguíamos pelo mesmo caminho. Enquanto aguardávamos nossas primeiras

obras-primas se concluírem, exercitávamos nossa literatura nos jornais e revistas da cidade e, vez ou outra, até do Rio. O grupo, que ela chamava de Os Gravatas, vinha todo, ou quase todo, da velha Academia de São Paulo, a Faculdade de Direito instalada havia quase um século no antigo convento do largo de São Francisco. Apesar de nossa origem acadêmica, nenhum de nós, nem remotamente, pretendia terminar os dias lendo processos ou redigindo contratos. Havia muita vida pela frente e queríamos vivê-la com intensidade.

Hoje, mesmo depois de tantos anos, ainda me lembro de tudo, tanto do que de fato ocorreu quanto daquilo que eu gostaria que tivesse acontecido mas que, afinal, nunca se realizou.

Lembro do nosso Retiro, que Oswaldo montou no início de 1917, e do que lá se passou. Lembro do prédio na rua Líbero Badaró recém-alargada, quase na esquina da avenida São João. Para quem saísse da praça Antônio Prado, que era o verdadeiro centro da cidade, por onde todos passavam e onde todos se encontravam, bastava descer a avenida e virar à esquerda para achar nosso Covil, logo no início da ladeira. Era um prédio de três andares e de aspecto imponente, quando fora construído poucos anos antes. Com os novos edifícios que passaram a ocupar os dois lados da rua e os que continuavam a ser erguidos no lugar das velhas casas, ele já parecia meio atarracado, quando nos instalamos lá. Lembro da porta de madeira escura da entrada, com seus vidros guarnecidos por grades de ferro em volutas trabalhadas, do corredor longo e estreito que conduzia ao pequeno hall do elevador, da garçonnière no fundo do terceiro andar, dos móveis, dos quadros na parede, das fotos nas molduras. Lembro da música que tocava na fonola e dos ruídos que entravam pela janela, vindos da rua e das janelas vizinhas. Lembro do som do elevador e do barulho da porta metálica que o menino ascensorista abria e fechava. Lembro do guincho que o bonde produzia,

subindo e descendo a ladeira, e da campainha que o motoneiro acionava para espantar os pedestres.

Lembro dos cheiros. Lembro, sobretudo do cheiro da cidade. Ela tinha um perfume próprio, que misturava a fumaça que saía continuamente das chaminés das fábricas com o gás que escapava dos lampiões da iluminação pública. Esses odores do progresso confundiam-se com os dos excrementos dos cavalos e burros que circulavam pelas ruas e com mil outros aromas espalhados pelo ar. Quem deixasse a cidade, ao voltar, imediatamente percebia aquele seu odor característico. Não se podia dizer se era bom ou ruim, apenas que estava lá e quem chegava logo o percebia. Havia também aromas mais específicos, que se sentiam o tempo todo, andando pela rua ou mesmo dentro de casa. Lembro do cheiro do café torrado na hora, que se podia sentir em qualquer lugar, das castanhas assadas vendidas nas ruas pelos italianos, do mofo que saía das aberturas dos porões e que se percebia quando se caminhava pela calçada. Do querosene das lamparinas que ainda se usavam, dos couros expostos nas lojas da 25 de Março, do bacalhau pendurado na porta de todas as vendas. Do cheiro forte de gás nas proximidades do Gasômetro, no caminho do Brás, que as crianças com bronquite e tosse comprida iam cheirar porque as mães acreditavam que fazia bem. Lembro do cheiro de farmácia, do carvão do ferro de passar roupa que invadia as casas no meio da tarde, do perfume das damas-da-noite nos jardins.

Lembro das calçadas sempre cheias e da multidão que ia e vinha o tempo todo sem parar. Lembro das vozes. Das vozes dos amigos e das vozes das ruas. Da algaravia de línguas misturadas: italiano, espanhol, árabe, alemão, algumas facilmente identificáveis; outras, desconhecidas e indecifráveis.

Na cidade daquele tempo naturalmente também se falava português, mas quase sempre com algum acento especial. Havia

a fala carregada dos portugueses, e sempre se ouvia em todos os lugares a prosa cantada dos italianos, misturando um pouco da língua da nova terra e muito de sua língua natal. O mesmo acontecia com os espanhóis, que também eram muitos e rivalizavam com os italianos. Havia ainda a língua arrastada que falavam os poucos nativos, comendo erres e esses no final das palavras. No entanto, os paulistanos nascidos aqui pareciam uma minoria prestes a se extinguir; os demais habitantes eram quase todos estrangeiros e recém-chegados — como eu, que sempre fui estrangeiro na cidade. Talvez por isso muitas vezes a tenha observado com um olhar de turista, como o de quem está de passagem. Mas me apaixonei por ela desde que a vi, ainda criança, e andei por suas ruas com meu pai.

Indo com ele fazer compras, depois de me matricular no colégio, surpreendi-me pela primeira vez com São Paulo. Assim que saímos da escola, seguimos pela rua do Carmo até o largo da Sé. Para meus olhos de menino, aquele largo acanhado — que poucos anos depois seria destruído para dar lugar à praça da Sé — pareceu enorme. O que mais me espantou foram os tálburis e fiacres, o grande número de carros de aluguel que se amontoavam no velho largo à espera de fregueses. Para quem não viveu na cidade naquela época, é preciso explicar que se chamava de “carro” todo veículo movido por tração animal. Os poucos veículos a motor, estes, sim, eram os automóveis; ninguém diria “carros” para se referir a eles. Além dos carros, havia um número infinito de pessoas andando apressadas, indo de um lado para o outro, num movimento que eu nunca tinha visto igual. Para quem vinha de uma pequena cidade do interior, onde só se viam ruas movimentadas em dias de festa, aquilo me pareceu estranho e maravilhoso.

Lembro-me de ter perguntado ao meu pai se era dia de procissão e se toda aquela gente estava ali esperando o cortejo sair da

igreja. Ele, um pouco surpreso, achou graça da minha ingenuidade. Disse que ali era sempre assim, que estávamos na capital e que eu veria ainda mais gente na rua Direita, onde compraríamos meus livros e cadernos. Saindo do largo da Sé, seguimos como se de fato acompanhássemos uma procissão, tal o número de pessoas que iam e vinham transbordando das calçadas para muitas vezes invadir o leito da rua, obrigando os pedestres a se espremerem toda vez que o bonde passava. Foi a primeira e mais marcante impressão que tive da cidade e da qual me recordo nitidamente até hoje — a multidão que sempre ocupava as ruas centrais. No fim da rua Direita ficava o viaduto do Chá. Embora não fosse nosso caminho, fiz meu pai levar-me até lá. Era extraordinário como parecia ser tão grande e tão alto, diferente de tudo que eu conhecia. Atravessá-lo foi uma aventura para quem tinha apenas dez anos e nunca vira nada igual. Formadas por grandes vigas de madeira, suas calçadas deixavam frestas que permitiam entrever, a cada passo, o fundo do vale lá embaixo. Quando os bondes elétricos, cujo serviço tinha sido recentemente iniciado, cruzavam o viaduto, faziam tremer a estrutura de ferro à sua passagem.

Desde aquele primeiro dia, jamais deixei de contemplar a cidade com um olhar curioso. Com o passar dos anos, acostumei-me a reunir suas histórias. Talvez por tê-la visto mudar tanto e tão rapidamente, sempre quis conhecer seu passado. Durante toda a minha vida, colecionei relatos de viajantes, memórias de seus moradores e um número infinito de recortes de jornais. Guardei também nossas histórias e tudo que se publicava sobre algum de nós. Nós, não. Eu, desde que voltei para o interior, apenas acompanhei de longe os sucessos do meu velho grupo. Meu nome, de fato, nunca mais saiu no jornal, mas os deles, sim. Alguns alcançaram a glória de imortais da Academia Brasileira de Letras e todos tiveram sua parcela de fama, uns mais, outros

menos. Eu não me tornei um escritor. Minha pobre literatura, esparsa, ficou apenas publicada nos jornais e revistas daquela época. Mas houve um tempo em que até Oswaldo anteviu para mim um brilhante futuro literário. Chegou a me considerar quase um Stendhal — ele, sempre excessivo, nunca teve medida, tanto nas críticas quanto nos elogios. Eu publiquei pequenos contos e trechos de livros que nunca concluí e foi só. Para ser franco, por mais de trinta anos somente o *Diário Oficial* publicou o meu nome, de quando em quando, nas minhas férias, promoções ou transferências. Minha vida literária se acabou com a minha juventude. Casei, acomodei-me e segui a rotina ordenada do funcionalismo público. Cada um escolhe a vida que leva. Eu escolhi a minha. Não reclamo.

Agora todos comemoram o progresso de São Paulo. Nos bondes, cartazes dizem que é a cidade que mais cresce no mundo. Talvez seja, não sei; de qualquer forma, é inegável que cresceu muito. Todos querem lembrar do seu passado, mas eu o tenho entre os meus guardados. Na metrópole, que neste ano completou quatrocentos anos e não para de festejar as suas glórias, cada um quer redescobrir uma história perdida.

São Paulo é uma cidade singular, que guarda seu passado sempre escondido. Mesmo quem assistiu às suas transformações sente dificuldade de lembrar-se delas, tal a sua velocidade. Mas eu me lembro.

Hoje são as lembranças que me conduzem de um lado a outro. Foram elas que me trouxeram para cá, foram elas que me levaram à casa dele. Não foi fácil encontrá-la. Nos últimos tempos, ele se mudava muito, estava a cada hora num lugar. Vivia do pouco que obtinha com seu trabalho na imprensa e dos restos dos terrenos que vez ou outra conseguia resgatar da confusão em que, ao longo dos anos, transformara-se sua rica herança. Todas as vezes que nos falávamos, eram as dificuldades da vida o seu

principal assunto. Pelo menos comigo. Ele me contava de seus passeios com os filhos pequenos nos fins de semana, pelas ruas de Pinheiros, em busca de terrenos baldios que, depois de árduas pesquisas nos cartórios, podiam, às vezes, ser incorporados ao espólio de seu pai e vendidos para financiar um curto desafogo. Mas na última vez foi diferente. Fui vê-lo no hospital uns meses atrás. Estava acabado, magro, abatido — ele, que sempre fora tão gordo. Continuava escrevendo, embora já não acreditasse em sua literatura. Achava que não havia conseguido produzir a obra que pretendia e que ninguém se lembraria dela. Fazia tempo que seus antigos livros estavam esgotados e os últimos que publicou tiveram escassa repercussão. Dos nossos contemporâneos, só o Mário sobreviveria, ele me disse. Entrara numa fase mais mística do que lhe era natural. Sempre tinha sido um católico rebelde, acreditava supersticiosamente na religião, porém descreia dos religiosos. Fizera grandes doações à Igreja e brigara com quase todos os padres. Agora tinha dúvidas e vivia numa angústia que parecia insuportável.

Nessa minha visita, logo que entrei no quarto ele falou sobre ela. Nunca, em todos estes anos, havíamos tocado nesse assunto penoso para nós dois. No entanto, a lembrança dela voltara a atormentá-lo. Fez-me apanhar no seu armário uma velha maleta, daquelas antigas que ele seguramente usara nas inúmeras viagens que fizera à Europa. Nela havia diversas etiquetas de navios e uma tão curiosa — com a estampa de um camelo em frente a uma pirâmide — que de imediato chamava a atenção. Era do Shephard's Hotel, no Cairo, onde nos bons tempos ele se hospedara. A mala, bem pesada, que levei até a cama dele, estava repleta de cartas, cadernos e fotos. Não podia acreditar que, depois de tantos anos, ele ainda tivesse aquelas lembranças guardadas. Praticamente tudo que era dela e até as cartas que eu lhe escrevi estavam lá. Tivemos uma conversa longa e difícil. A

cada frase, eu percebia, ele se inquietava mais e mais e se exaltava. Nessa época já respirava com dificuldade por causa do problema cardíaco e cansava-se facilmente. Era visível que esse assunto o preocupava mais do que tudo. Mais até do que sua literatura ou do que as questões do dia a dia que o atormentavam nos últimos anos. Sua angústia era saber se havia agido certo e se tinha tomado as decisões corretas. Durante nossa conversa, por diversas vezes ele me perguntou:

— Você, que acompanhou tudo, que sempre estive junto de nós, acha que eu fui o culpado?

— Talvez tenha sido apenas azar — respondi debilmente, procurando enganar a nós dois.

O que eu poderia lhe dizer? Eu nem sequer sabia qual o tamanho da minha própria culpa! Procurei de todas as maneiras fugir daquele assunto, até para evitar inquietá-lo mais. Mas ele não permitiu, parecia que vinha aguardando por aquela conversa havia muito tempo. Depois de tantos anos, finalmente fomos capazes de falar sobre aquilo. Mas eu não lhe disse tudo. No final, mostrou-me um texto que acabara de escrever e que iria enviar para sua coluna no jornal. Dizia que “de pé diante do irreversível, o homem deve se deixar devorar sem medo, não é outra a função da vida”. Anotei a frase. Apesar de abatido e pessimista, ainda mantinha a paixão e o talento. Mas creio que sentia medo. Assim como eu.

Há uma semana o telefone tocou na minha casa tarde da noite. Eram já dez horas passadas e todos estavam dormindo. Eu não. Até hoje não consigo dormir e acordar cedo. Quando a telefonista me disse que era um interurbano de São Paulo, me assustei. Era ele. Sua voz estava muito baixa e débil e era fácil perceber que respirava com dificuldade. Perguntou-me sem preâmbulos:

— O que você acha?

— Acho do quê, Oswaldo? Não estou entendendo.

— Eu estava morto de ciúmes. Você acha que fui o culpado?

Deus me deu mais aquela oportunidade, mas eu apenas procurei acalmá-lo e encerrar depressa aquele telefonema caríssimo, que eu sabia que ele não poderia pagar facilmente.

Foi a última vez que nos falamos.

Dos velhos amigos, acho que quase nenhum mais o procurava. Ele cultivava as divergências. Comigo manteve um bom relacionamento até o fim, apesar do livro das memórias. Da sua antiga prosperidade pouco restou. Lutava para acudir aos seus compromissos e parece que nem sempre havia o suficiente para o aluguel. Preocupava-se muito com seus filhos pequenos. Do último endereço que eu tinha, um apartamento na Bela Vista, ele se mudara havia poucos meses. Durante a nossa infância, foi nesse pedaço da cidade que ele viveu com os pais, na rua Santo Antônio, no alto da ladeira. Eu morava na Liberdade e nos encontramos pela primeira vez na escola da rua do Carmo. Isso foi há mais de cinquenta anos. Com o porteiro do prédio consegui o seu último endereço, numa rua um pouco distante na Vila Mariana. Cheguei lá de bonde. Mesmo assim andei um bom pedaço. A casa, térrea, era mediana e ficava numa rua sem importância que termina nuns terrenos baldios e de onde se vê o obelisco em memória da Revolução de 32, que há anos está sendo construído e parece que finalmente será inaugurado.

No entanto, ele já não estava lá. A empregada que me recebeu deu-me um pouco de água. Entrei por um momento na sala. “Foi ali que ele morreu tranquilamente, sentado”, ela me disse, apontando para uma poltrona verde. Nas paredes ainda estavam os quadros que faziam um contraste gritante com a simplicidade da casa. Os belos quadros que ele tanto amou e conservou por toda a vida. De Chirico, Picasso, Léger, Di e Tarsila. Eram

suas bandeiras, ele dizia. Oswaldo tinha sido levado para a Biblioteca Municipal. Parece que querem dar o nome do Mário a ela. Curiosa ironia. Os dois, que praticamente não se falaram desde 1929, eram obrigados a se encontrar em cada passo da vida. Até neste último. Será que seu nome também seria dado a alguma obra pública, uma rua, praça, viaduto? Não sei, quem poderia saber? Mário de Andrade tinha discípulos, admiradores, gente que o seguia por toda a parte. Oswaldo, ao contrário, passou a vida perdendo amigos e se afastando dos antigos companheiros. Quem o defenderia hoje em dia? Quem estaria com ele neste último momento? Nem eu, se não me apressasse.

Como eu não conseguiria alcançá-lo na biblioteca, fui direto para o cemitério da Consolação. Mais um bonde, outra caminhada. Na minha idade essas coisas já não são tão fáceis. Chegamos juntos. Ele ia acompanhado por uns poucos. O caixão, modesto, era o retrato do que ele tinha vivido nos últimos anos. Não reconheci quase ninguém. Curiosamente, havia mais jovens do que velhos como eu. De longe, vi Paulo, o único dos companheiros do nosso Retiro que, além de mim, foi acompanhá-lo pela última vez. Ele acabou de se reeleger deputado federal. Desde jovem nunca consegui ficar longe do poder. Eu não o via há muitos anos. Não sei quantos, mais de vinte com certeza. Nos cumprimentamos de longe. Acho que ele, como eu, imediatamente evocou os velhos tempos, aqueles anos em que vivêramos todos tão juntos, que parecia impossível que pudéssemos nos separar algum dia. Entrei no cemitério atrás de todos. Não me aproximei da família. Em frente ao portão de entrada, uma alameda mais larga conduzia à pequena capela branca. Não consegui entrar nela. A capela, na realidade todo aquele ambiente, me fazia voltar ao nosso passado de um modo incontrolável. Senti que podia chorar. Não sei se por ele, por ela ou por mim mesmo. Tive o bom senso de me afastar e acompanhei todo o resto de

longe. Dois ou três discursaram ao pé do túmulo branco. Um deles foi Paulo. Não ouvi bem o que ele disse, eu estava a uma distância considerável e o ruído da rua encobria sua voz. De mais a mais, eu só ouvia os sons do passado. Sabia que não conseguiria me aproximar daquele lugar mesmo depois de tantos anos. Afastei-me dali antes do fim da cerimônia. Saí sem falar com Paulo e nem com nenhum outro dos poucos conhecidos.

Desci a pé a rua da Consolação, embora estivesse cansado, e fui andando até a estação. Foi uma boa caminhada, gastei nela uma hora. Precisava daquele esforço para me recompor. Comprei passagem para o das três e meia e embarquei.

Enquanto o trem me leva de volta para casa, não posso evitar as lembranças. Dele, de quem me despedi hoje. E dela, de quem jamais consegui verdadeiramente me despedir.